

# O testemunho e a lição

Josaphat Marinho

A sessão especial do Senado, em homenagem a Juscelino Kubitschek de Oliveira, por seu aniversário, merece uma crônica. De um lado, reviveu a figura do ex-presidente da República, que completaria 93 anos de idade. De outro, rememorou fatos históricos. O homem e o chefe de Estado projetaram-se na abóbada do edifício por ele construído, e de onde se despediu de seu último mandato, na hora crepuscular da perda dos direitos políticos. Citado por José Roberto Arruda, representante do Distrito Federal, como único senador presente que assistiu à dramática despedida, devo dar um testemunho daquele momento triste e dos dias tormentosos que sobrevieram ao ex-presidente perseguido. A história reclama a lembrança desses acontecimentos, para que as sucessivas gerações conheçam e julguem os defensores e os inimigos dos direitos humanos.

No instante fatal de ser destituído da cadeira de senador, que o povo lhe conferiu, o mineiro de Diamantina falou com firmeza, dignidade e elevação. O sofrimento que lhe marcava a fisionomia, pela iminência notória do ato de arbítrio, não lhe diminuiu a energia moral do protesto. Também não lhe alterou a compostura da palavra, que se desdobrou revestida de impecável sobriedade. Como neste trecho, de alta visão democrática: “Sei que nesta terra as tiranias não duram, que somos uma nação humana penetrada pelo espírito de justiça. Muito mais do que a mim, cassam os direitos políticos do Brasil”. Em estilo superior, sentenciava seus julgadores discricionários com ferro em brasa. Encerrada a fala, que não foi interrompida por nenhum aparte, retirou-se do plenário no mesmo passo rápido e firme, com que nele entrara. Era de estranhar o silêncio de seus correligionários e aliados,

durante o discurso e no resto da sessão. As dificuldades do momento podiam justificar a prudência, até para que não se agravasse, diante do poder sem freios, a situação do ex-presidente, punido discricionariamente.

Vieram, entretanto, repetidos atos de constrangimento. Restrições à liberdade pessoal. Investigação da origem de seus bens. Ameaça de seqüestro desses bens e irritação com o Supremo Tribunal Fede-



ral pelo indeferimento do pedido. Exílio. Isolamento de políticos e até de beneficiários de seu governo, enquanto outros, mesmo de partidos diferentes, lhe asseguravam apreço, como Antonio Carlos Magalhães. Não tendo aproximação com o ex-presidente, não sendo seu aliado político, eu criticava o governo militar sem mencionar o nome do proscrito. Não lhe queria acrescentar outras amarguras. Eis que foi criada a “Frente Ampla”, por iniciativa de Carlos Lacerda, e com a participação de João Goulart e Juscelino Kubitschek, como movimento destinado a lutar pela redemocratização do país. Então, fui convidado por JK, em honrosa carta, confiada ao deputado Renato Archer, para que integrasse o movimento. Entendi que, se éramos to-

dos contrários ao regime discricionário, a trincheira comum devia superar divergências anteriores. Assim conheci de perto Juscelino, no ostracismo. No convívio, confirmei o julgamento do homem comunicativo, cordial e confiante no futuro, da informação de seus amigos e da observação a distância. Disse-lhe, no primeiro encontro, que, no plano nacional, era amigo do ex-presidente Jânio Quadros. Respondeu-me, com espontaneidade, que, em pouco, não o seria mais do que dele.

Num certo dia de 1967, estava no Rio de Janeiro, em conversas sobre a atuação da Frente Ampla. À noite fui avisado pelo deputado Renato Archer de que o ex-presidente havia sido convocado, outra vez, a comparecer à polícia. Concluímos que se impunha um protesto da tribuna parlamentar. Coube-me a honra de fazê-lo, no dia seguinte. Como reproduzido no *Diário do Senado* de 13 de setembro, denunciei a coação, que afrontava a própria Constituição recém-promulgada e o direito do cidadão e ex-chefe de Estado, que não praticara nenhum ato, suscetível de autorizar o chamado mesquinho. E li a declaração que o ex-presidente, dignamente, apresentou ao delegado, recusando-se, como lhe era lícito, a responder a “indagações”, e acentuando: “O silêncio é a única arma de protesto de que disponho no momento”.

Aqui está um testemunho de quem não esteve no poder com o ex-presidente, dele não recebeu favor, e com ele conviveu apenas na hora da oposição revestida de perigos. Participa, assim, com alegria, das homenagens de justiça que o relembram, e recolhe, para refletir, a lição do esquecimento que desce sobre tantos que o perseguiram.

Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia